

'A NATUREZA NÃO TEVE NADA A VER COM ISSO': O PAPEL DA SEXOLOGIA

JEFFREY WEEKS

*Capítulo originalmente publicado no livro *Sexuality and its Discontents* (2002)*

Os grandes impulsos fundamentais na vida humana, como entre os animais em geral, são os da nutrição e do sexo, da fome e do amor. Eles são as duas fontes originais de energia dinâmica que trazem à existência a maquinaria da vida em organismos inferiores, e em nós mesmos constituem as mais elaboradas superestruturas sociais.

HAVELOCK ELLIS, *The Psychology of Sex* [A Psicologia do Sexo]

A sexologia está muito preocupada, em última análise, com a interconexão do que acontece entre as virilhas e entre as orelhas em relação à procriação da espécie.

JOHN MONEY, *Love and Love Sickness* [Amor e Doença de Amor]

A invenção de uma criatura cujos sentimentos eram legitimamente 'hetero' e 'sexuais' era algo novo no final da noite vitoriana, uma criatura tão única quanto o 'homossexual' sob a lua vitoriana tardia.... Aquele 'heterossexual' recém-inventado não era mais 'natural' do que o 'homossexual' era 'antinatural'. Parafraseando Mae West, a natureza não teve nada a ver com isso.

JONATHAN KATZ, *Gay/Lesbian Almanac* [Almanaque Gay/Lésbico]

Ciência do desejo ou tecnologia do controle?

Apelos à 'natureza', às reivindicações do 'natural', estão entre os mais potentes que podemos fazer. Eles nos fixam em um mundo de aparente solidez e verdade, oferecendo uma afirmação de nosso eu real e fornecendo a referência para nossa resistência ao que é corrupto, 'antinatural'. Infelizmente, o significado de 'Natureza' não é transparente. Sua verdade tem sido usada para justificar nossa violência e agressividade inatas e nossa sociabilidade fundamental. Ela foi implantada para legitimar nosso mal basal e para celebrar nossa bondade fundamental. Muitas vezes parece que existem tantas naturezas quanto existem valores conflitantes.

Em nenhum lugar isso é mais verdadeiro do que em relação ao nosso sexo. Isto *parece* ser o fato mais básico sobre nós. Somos, como sugeriu Havelock Ellis, definidos por ele:

O sexo penetra toda a pessoa; a constituição sexual de um homem faz parte de sua constituição geral. Há uma verdade considerável no ditado: 'Um homem é o que é seu sexo'.

O sexo tornou-se, como Michel Foucault famosamente polemizou, a "verdade do nosso ser". Nossa essência e nossa identidade final são, de alguma forma, um efeito do que dita nossa natureza sexual: somos construídos sobre uma base de impulsos naturais.

No entanto, quando tentamos explorar esse reino da verdade, nos encontramos em um corredor de espelhos. As imagens, reais e distorcidas, são bastante poderosas. Mas são tantas! E qual é a verdadeira? Onde está a verdade desta verdade? Esta tem sido a questão que dominou a teorização sexual e a pesquisa sexual durante o século passado e, apesar de muitos desafios, é uma questão cujo tempo ainda não se esgotou. Da dissecação de ratos para explicar o comportamento homossexual ao determinismo do DNA da sociobiologia contemporânea, a busca pelas raízes naturais do nosso ser continua. E se, como agora parece muito provável, o problema for essa busca constante pela verdade? Seríamos forçados, então, a olhar novamente para o papel e a função daqueles proclamadores sinceros da verdade da sexualidade, aqueles pretensos cientistas do desejo, os sexólogos e seus seguidores.

No prefácio da primeira edição de seu compêndio vastamente influente de estudos de caso e especulações sexuais, *Psychopathia Sexualis*, Richard von Krafft-Ebing escreveu em 1887 que:

Poucas pessoas estão conscientes da profunda influência exercida pela vida sexual sobre o sentimento, pensamento e ação do homem em suas relações sociais com os outros.

Pouco mais de meio século depois, Alfred Kinsey poderia comentar que:

Não há aspecto do comportamento humano sobre o qual tenha havido mais reflexão, mais conversa e mais livros escritos.

Poucos agora, ao que parecia, duvidavam dessa "profunda influência". Deixando de lado por enquanto a questão de saber se a declaração de Krafft-Ebing era em si um relato preciso do século XIX, fica claro que o período entre os dois comentários viu uma eflorescência extraordinária de escrever, pensar e falar sobre sexualidade; e um esforço não menos ardente para vivê-la. 'Rei Sexo' reinou ao longo do século XX: Krafft-Ebing e Alfred Kinsey foram dois de seus cortesãos mais famosos e assíduos. A questão que inevitavelmente surge é: quão importantes foram esses escritores e pesquisadores, essa sucessão apostólica de Krafft-Ebing a Masters e Johnson, de Havelock Ellis e Freud a Kinsey e além, em moldar a maneira como pensamos - e, portanto, experimentamos - nossas sexualidades? Eles próprios não duvidaram de seu papel pioneiro na descoberta do significado do sexual. Mas à medida que as brumas se dissipam e a sexualidade se torna cada vez mais uma área de contestação, podemos ver que eles realmente desempenharam um papel mais positivo na construção desse significado. A "sexualidade moderna" é, pelo menos em parte, uma invenção de canetas sexológicas e, como todas essas invenções, seus efeitos têm sido contraditórios. Esses autoproclamados pioneiros, esses avatares da iluminação sexual, trabalharam para construir uma ciência do desejo, um novo continente de conhecimento que revelaria as chaves ocultas de nossa natureza. Ao fazê-lo, também apoiaram outras atividades mais duvidosas, desde a patologização de práticas sexuais "perversas" até a construção de uma eugenia racista, da celebração de antagonismos sexuais à institucionalização de 'tratamentos' duvidosos. Eles contribuíram, de diversas maneiras no século XX, para a formação e manutenção de uma elaborada tecnologia de controle. Quanto mais nos aprofundamos nessa história complexa, às vezes nobre, às vezes obscura, mais podemos perceber que a 'Natureza', a pura natureza humana, teve muito pouco a ver com ela.

Pioneiros

As últimas décadas do século XIX assistiram a uma nova e espetacular preocupação com o estudo científico da sexualidade, dando origem a esta nova subdisciplina, a "sexologia". Os *Founding Fathers* [Pais Fundadores] da sexologia (e pela primeira vez a metáfora patriarcal é apropriada; poucas mulheres participaram dessa primeira onda de teorização sexual) tinham uma visão clara de sua tarefa. Havia, é verdade, uma nota muitas vezes hesitante em suas desculpas, o que não surpreende, dado seu senso de oposição. Krafft-Ebing sugere modestamente em um prefácio para *Psychopathia Sexualis* que 'O objeto deste tratado é apenas [minha ênfase] para registrar as várias manifestações psicopatológicas da vida sexual no homem...' Mas o adendo era mais profundamente ambicioso: '... e reduzi-los à sua condição legal'. A tarefa desses primeiros sexólogos era nada menos que a descoberta, descrição e análise das "leis da natureza": harmonizar, como August Forel escreveu em *A Questão Sexual*:

a aspiração da natureza humana e os dados da sociologia das diferentes raças humanas e das diferentes épocas da história, com os resultados da ciência natural e as leis da evolução mental e sexual que estas nos revelaram.

Assim como o momento fundador da sociologia neste mesmo período procurou, através dos escritos de Auguste Comte, Karl Marx, Herbert Spencer, Emile Durkheim, Max Weber e muitos outros, encontrar as 'leis da sociedade', assim, de forma complementar e de maneira igualmente influente, os primeiros teóricos sexuais tentaram desvendar os sussurros silenciosos, os imperativos ocultos de nossa natureza animal — "por conta de sua... profunda influência sobre o bem comum". A ciência do sexo era um complemento necessário à ciência da sociedade; cada uma passou a depender, implícita mas absolutamente, da outra. Uma dicotomia entre 'sexo' e 'sociedade' foi escrita nos próprios termos do debate.

A preocupação com a origem, manifestação e efeitos dos prazeres corporais não era, obviamente, novidade no final do século XIX. Grandes faixas do mundo não-cristão há muito praticam as artes eróticas, onde os prazeres são classificados com precisão e obtidos por meio do acesso às técnicas eróticas. Por volta do século XIX, os melhores produtos da sabedoria e técnicas sexuais orientais circulavam entre os conhecedores, importados por viajantes e antropólogos pioneiros, destinados a serem parceiros essenciais no empreendimento sexual. A tradução de Sir Richard Burton de *O Kama Sutra* apareceu em uma pequena edição em 1883 dedicada "aquela pequena parcela do público britânico que tem interesse

esclarecido em estudar as maneiras e costumes do antigo Oriente". (Os esclarecidos não incluíam Lady Burton, que queimou os manuscritos mais duvidosos de Sir Richard quando ele morreu.)

Muito mais significativo para a formação ideológica do Ocidente foi a história tortuosa das dissertações judaico-cristãs sobre os pecados da carne (em contraste com as alegrias espirituais da salvação). Estes foram elaborados desde os primórdios da era cristã em tratados, direito canônico, bulas e penitenciais, e codificados desde o século XVII nos procedimentos do Confessionário (no sul da Europa) e na consciência do puritanismo (no norte da Europa e América). Os sexólogos do século XX, de Ellis a Kinsey, enfatizaram corretamente o papel formativo das categorias cristãs na formação de nossa resposta ao corpo.

No século XVIII, no entanto, uma preocupação literária mais ostensivamente secular com o erótico estava em ascendência. Juntamente com a primeira aparição de folhetos alertando sobre os perigos da masturbação (o famoso ensaio de Samuel Tissot *On Onania* apareceu em 1758), desenvolveu-se uma literatura florescente de romances obscenos, tratados morais e até mesmo manuais populares de aconselhamento sexual de auto-ajuda, pressagiando as torrentes do século atual. No final do século XVIII, o Marquês de Sade já havia detalhado os mil pecados (e prazeres) da sodomia, fornecendo um referencial pelo qual o discurso da sexologia mediria o alcance do perverso. Nada que os sexólogos escrevessem competiria com a vivacidade — ou imoralidade — da imaginação do divino marquês. Só no final do século XX seria possível celebrar novamente sua utopia de desejo polivocal.

O que *era*, no entanto, uma novidade no século XIX foi o esforço sustentado para colocar tudo isso em uma nova base "científica": isolar e individualizar as características específicas da sexualidade, detalhar seus caminhos normais e variações mórbidas, enfatizar seu poder e especular sobre seus efeitos. As críticas de Samuel Tissot contra os efeitos onipresentes e desastrosos da masturbação já haviam marcado uma transição crucial: o que você fez agora foi mais do que uma violação da lei divina; determinava que tipo de pessoa você era. O desejo era uma força perigosa que preexistia ao indivíduo, destruindo seu corpo frágil com fantasias e distrações que ameaçavam sua individualidade e sanidade. Daí surgiu uma poderosa tradição de ver nas suaves alegrias da masturbação a causa de defeitos de caráter que vão desde a fraqueza mental e a homossexualidade até a preguiça e incompetência financeira e, portanto, o desastre social. Os sexólogos do século XIX iriam refinar esse insight (embora eles divergissem sobre, e depois rejeitassem, o papel etiológico do 'autoabuso' - curiosamente, seria restabelecida pelos devotos da mais moderna das ciências, a sociobiologia). Ao fazê-lo, muitas vezes havia uma

tendência, como observou Alfred Kinsey mordazmente, de produzir 'classificações científicas... quase idênticas às classificações teológicas e aos pronunciamentos morais da lei comum inglesa do século XV'. Mas a aspiração a um status totalmente científico deu à sexologia embrionária um prestígio – e mais importante, um novo objeto de preocupação e intervenção no instinto e suas vicissitudes – que levou sua influência, definições, classificações e normas para o século XX.

A etapa decisiva foi a individualização do sexo, a busca do impulso primevo no próprio sujeito. Já na década de 1840, Henricus Kaan estava escrevendo (em latim) sobre as modificações do 'nisus sexualis' (o instinto sexual) em indivíduos, e outros trabalhos formativos se seguiram: sobre a presença e os perigos da sexualidade infantil, a etiologia sexual da histeria e sobre as aberrações sexuais. Karl Heinrich Ulrichs (1825–1895), ele próprio inclinado à homossexualidade, publicou doze volumes sobre homossexualidade entre 1864 e 1879, uma conquista que influenciou muito a "descoberta" de Carl Westphal do "impulso sexual contrário", em 1870, e as especulações mais amplas de Krafft-Ebing sobre aberrações sexuais posteriormente. Dois momentos são particularmente importantes neste discurso emergente, importando elementos que iriam alterar profundamente o seu curso. O primeiro foi o impacto do darwinismo. De Charles Darwin, *A Origem das Espécies*, já havia sugerido a aplicabilidade da teoria da seleção natural ao homem. Com sua publicação de *A Queda do Homem e a Seleção em Relação ao Sexo* (1871) outro elemento foi adicionado: a alegação de que a seleção sexual (a luta por parceiros) agia independentemente da seleção natural (a luta pela existência), de modo que a sobrevivência dependia da seleção sexual e o teste final do sucesso biológico estava na reprodução. Isso permitiu um renascimento legítimo do interesse pelas etiologias sexuais ('origens') do comportamento individual e um esforço sustentado para delinear a dinâmica da seleção sexual, o impulso sexual e as diferenças entre os sexos. A biologia tornou-se o caminho para os mistérios da Natureza, e suas descobertas foram legitimadas pela evidência da história natural. O que existia "na Natureza" fornecia evidências do que era humano.

O segundo momento decisivo foi o aparecimento de *Psychopathia Sexualis*: foi a erupção impressa do pervertido falante, o indivíduo marcado, ou arruinado, por seus impulsos sexuais. Os estudos de caso foram um modelo do que viria a seguir, as análises foram o ensaio para um século de teorização. Foi Krafft-Ebing quem começou a reunir as trilhas dispersas para forjá-las em uma nova abordagem. Como professor de psiquiatria na Universidade de Viena, sua primeira preocupação foi encontrar provas de morbidez para os criminosos sexuais arrastados perante os tribunais, para satisfazer a intensificação da preocupação legal com pecadilhos

sexuais no final do século XIX. A primeira edição de seu *Psychopathia Sexualis* foi vista por ele como uma modesta intervenção, mas imediatamente evocou a aprovação profissional e uma resposta popular. Como muitos escritores sobre sexo desde então, ele se viu inundado de cartas e informações de sofredores de miséria sexual e alvos de opressão sexual. *Psychopathia Sexualis* cresceu, como resultado, de 45 histórias de casos e 110 páginas em 1886 para 238 histórias e 437 páginas na 12ª edição de 1903. Seu sucesso encorajou muitos outros: entre 1898 e 1908 houve mais de mil publicações apenas sobre homossexualidade. Em seu *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, publicado em 1905, e em si um grande estímulo para o crescimento da teoria sexual, Freud reconheceu a contribuição de nove escritores: Krafft-Ebing, Albert Moll, P.J. Möbius, Havelock Ellis, Albert Schrenck-Notzing, Leopold Lowenfeld, Albert Eulenburg, Iwan Bloch e Magnus Hirschfeld. A estes poderia ser adicionada uma série de outros nomes, de J.L. Casper e J.J. Moreau, a Cesare Lombroso e August Forel, a Valentin Magnan e Benjamin Tarnowsky, nomes pouco lembrados hoje, alguns até misericordiosamente esquecidos durante suas vidas, mas formadores significativos do discurso moderno da sexologia.

No centro de seu trabalho estava a noção de que subjacente à diversidade de experiências individuais e efeitos sociais havia um processo natural complexo que precisava ser compreendido em todas as suas formas. Essa empreitada exigiu, em primeiro lugar, um grande esforço na classificação e definição das patologias sexuais, dando origem ao deslumbrante conjunto de descrições minuciosas e rotulagem taxonômica tão características do final do século XIX. *Psychopathia Sexualis* anunciava-se como um "estudo médico-forense" do "anormal" (seu subtítulo indicava sua "referência especial ao instinto sexual antipático") e oferecia um catálogo de perversidades, desde a inversão sexual adquirida até a zoofilia. Urolagnia e coprolagnia, fetichismo e cleptomania, exibicionismo e sado-masiquismo, *frottage* e satiríase crônica e ninfomania, e muitos, muitos mais, fizeram sua aparição clínica por meio ou na esteira de sua catalogação pioneira. Enquanto isso, Iwan Bloch começou a delinear as estranhas práticas sexuais de todas as raças em todas as épocas. Charles Fréré explorou intrepidamente a degeneração sexual no homem e nos animais. Albert Moll descreveu as perversões do instinto sexual. Hirschfeld escreveu volumosamente sobre a homossexualidade e de forma inovadora sobre o travestismo, enquanto o livro de Havelock Ellis *Studies in the Psychology of Sex* [Estudos sobre a Psicologia do Sexo] era uma vasta e eloquente enciclopédia das variações da expressão sexual.

Em segundo lugar, essa concentração no 'perverso', no 'anormal', lançou luz sobre o 'normal', discretamente envolto em uma ideologia respeitável, mas cientificamente reafirmado em livros- texto clínicos. Ellis começou o trabalho de sua

vida na 'psicologia do sexo' escrevendo *Man and Woman* [Homem e Mulher], um estudo detalhado, publicado pela primeira vez em 1894 e posteriormente reeditado em muitas versões revisadas, das características secundárias, terciárias e outras características e diferenças entre homens e mulheres. O estudo do instinto sexual nos escritos de outros tornou-se uma exploração tanto da fonte da sexualidade quanto das relações entre homem e mulher. O "instinto natural" de Krafft-Ebing que "com toda força conquistadora e poder exige realização" é uma imagem da sexualidade masculina cujo objeto natural era o sexo oposto. Assim como a homossexualidade foi definida como uma condição sexual nesse período, também foi inventado o conceito de heterossexualidade (*depois* do primeiro) para descrever, aparentemente, o que hoje chamamos de bissexualidade, e depois 'normalidade'. A sexologia passou a significar, portanto, tanto o estudo do impulso sexual quanto das relações entre os sexos, pois, em última análise, eles eram vistos como o mesmo: sexo, gênero, sexualidade estavam interligados como o imperativo biológico.

Não é de surpreender que a geração que se seguiu aos pioneiros tivesse poucas dúvidas sobre sua importância. Alfred Kinsey, o iniciador da segunda onda de escrita sexual, assim como Krafft-Ebing foi da primeira, nunca foi excessivamente generoso em sua avaliação da contribuição de seus contemporâneos ou precursores. Ele achou o trabalho de Krafft-Ebing 'não científico'; G. Stanley Hall, o autor americano do estudo pioneiro sobre adolescência, foi julgado 'moralista', assim como Freud por suas atitudes em relação à masturbação. Ellis foi considerado "muito tímido", enquanto Hirschfeld ofendeu Kinsey por sua abertura política. Ele desdenhava o grande antropólogo Bronislaw Malinowski e brigou com Margaret Mead. Ele era, como escreveu seu biógrafo Claude Pomeroy, intolerante com qualquer outra abordagem que não fosse a sua. Mas apesar desse elaborado desdém por suas qualidades científicas e políticas, até mesmo Kinsey no final expressou sua admiração pelos pioneiros, "porque eles abriram novos caminhos" e "tornaram nosso trabalho possível". Ecoando a estimativa do próprio Freud, ele os comparou a Galileu e Copérnico. Esse era o tom autêntico que sustentava a própria percepção dos sexólogos sobre seu papel. Eles dividiram, como Krafft-Ebing colocou no Prefácio de *Psychopathia Sexualis*, a "conspiração do silêncio" sobre o sexo no século XIX. Eles se viam na vanguarda da luta pela modernidade, e nisso dois fios se entrelaçavam: o compromisso com os protocolos da ciência; e sua devoção ao esclarecimento sexual do século XX.

Os primeiros sexólogos se viam engajados em uma luta simbólica entre a escuridão e a luz, a ignorância e a iluminação, e nisso a "ciência" era sua arma mais segura. Krafft-Ebing havia afirmado desde o início que a importância do assunto

"exige pesquisa científica". Havelock Ellis, como um homem isolado ensinando no mato australiano no início da década de 1880, ansiava por um novo Renascimento onde razão e emoção se combinassem e se dedicou à compreensão científica da sexualidade. Freud era o modelo do 'grande cientista' e ficou indignado quando Ellis preferiu ver seu trabalho mais como o de um poeta do que de um homem de ciência. As críticas que vieram das gerações seguintes não foram por causa dessa preocupação com a ciência, mas pelo seu desenvolvimento inadequado. Kinsey censurou seus predecessores porque eles não eram suficientemente científicos, não eram fiéis às exigências da época. 'Doze mil pessoas', ele escreveu em *Sexual Behavior in the Human Male* [Comportamento Sexual no Homem Humano], 'ajudaram nesta pesquisa principalmente porque acreditam em projetos de pesquisa científica.' Esse era o verdadeiro espírito da época.

Uma fé semelhante permeia a obra de seus sucessores, mesmo quando eles desmantelam suas conclusões. A questão crítica tem sido, como argumentou Kenneth Plummer, a "integridade científica" do trabalho - quaisquer que sejam os efeitos. A velha fé continua viva; a crença na ciência capturou todo o debate sobre a sexualidade.

A sexologia é, então, em um sentido importante, uma herdeira da fé pós-iluminista no progresso científico. Mas como Plummer também observou, "todo bom trabalho científico é difícil", e o sentido da dificuldade da batalha contra a irracionalidade dá um peculiar tom missionário a grande parte da escrita sexológica - o que Jonathan Katz chamou de "seriedade sombria". Nas mãos de um Ellis ou de um Freud, isso podia dar lugar a uma elegante lucidez de expressão que chegava a apresentar como fato convincente o que muitas vezes inspirava especulações; da pena de um Krafft-Ebing ou William Masters poderia fluir uma prosa de turgidez sombria que reproduz fielmente a busca por uma seriedade científica.

Quaisquer que sejam seus méritos literários, esses esforços científicos ambiciosos tinham simultaneamente um propósito social e político: levar esclarecimento sexual a uma variedade de práticas sociais. Havia, em primeiro lugar, uma sensação de que a lei ignorava profundamente as realidades sexuais. Krafft-Ebing retomou o trabalho de Ulrichs, ele próprio homossexual e defensor pioneiro dos direitos dos 'Urnings' ou do 'terceiro sexo', por causa da inadequação das visões médico-legais da homossexualidade. A maioria desses primeiros escritores sobre sexualidade endossou a remoção de leis penais contra a homossexualidade - de Lombroso na Itália a Ellis na Inglaterra, Hirschfeld na Alemanha, Krafft-Ebing e Freud na Áustria - porque conflitavam com os insights da nova ciência sexual. Eles abraçaram uma forma de racionalismo político, pois, como disse Krafft-Ebing, "ideias errôneas" prevalecem. Magnus Hirschfeld fundou em 1898

o Comitê Científico Humanitário (um título característico) para promover a causa da reforma sexual em geral e a reforma homossexual em particular. Mais tarde, ele se tornou o fundador do Institute for Sexual Science em Berlim e o líder da Liga Mundial para a Reforma Sexual e o promotor dos Congressos Mundiais para a Reforma Sexual. Sua palavra de ordem era 'Per scientiam ad justitiam' [Por meio da ciência até a justiça], e na véspera de sua morte,

Acredito na Ciência, e estou convencido de que a Ciência, e sobretudo as Ciências naturais, devem trazer ao homem, não só a verdade, mas com a verdade, a Justiça, a Liberdade e a Paz.

No final da década de 1920, as Conferências Mundiais reuniram os principais sexólogos científicos do mundo para debater as iniquidades da censura, as leis de casamento e divórcio, falta de controle de natalidade, sanções penais contra abortistas e homossexuais e outros, bem como os méritos mais duvidosos de eugenia.

Havelock Ellis, mais tímido publicamente, no entanto, estava enraizado no renascimento ético e socialista da década de 1880 e mais tarde patrocinou a British Society for the Study of Sex Psychology [Sociedade Britânica para o Estudo da Psicologia do Sexo] e, com Forel e Hirschfeld, tornou-se presidente honorário da Liga Mundial. Ellis, de fato, foi mais longe do que qualquer um ao afirmar a importância das lutas sexuais. O que os debates sobre religião e trabalho representaram para o século XIX, assim o seria, ele acreditava, a questão sexual, com a qual ele se referia às relações entre os sexos, para o século XX. O pensamento progressista do século XIX preocupava-se com o objetivo da produção; o vigésimo deve se preocupar com o 'ponto de procriação'.

Kinsey tão apaixonadamente quanto os pioneiros invocou 'fato científico' para demonstrar a lacuna entre a atividade sexual revelada em seus estudos e os códigos morais:

pelo menos 85 por cento da população masculina mais jovem poderia ser condenada como criminosos sexuais se os agentes da lei fossem tão eficientes quanto a maioria das pessoas espera que sejam.

A ciência sexual deveria ser a serva da reforma sexual, o arauto de uma nova ordem sexual construída sobre uma compreensão racional de nossa verdadeira natureza sexual. O fato de frequentemente discordarem sobre as evidências empíricas, os fundamentos teóricos e as implicações sociais de sua ciência pouco importava. O compromisso deles era absoluto. Krafft-Ebing esperava

representativamente que seu trabalho pudesse "se mostrar útil a serviço da ciência, da justiça e da humanidade". Assim disseram todos eles.

O que resta dessa aspiração é mais controverso. Nos últimos anos, um exército cerrado de manifestantes avançou contra as estruturas que os teóricos sexuais pioneiros tão assiduamente construíram. Os historiadores desafiaram suas reivindicações de modernidade. Os filósofos da ciência questionaram sua cientificidade. As feministas atacaram seus valores patriarcais. Os homossexuais têm resistido às suas tendências medicalizantes e patologizantes. As paredes da cidadela ainda estão de pé; mas suas fundações estão começando a desmoronar sob o desafio. Cada ciência tenta refazer sua história como uma história de progresso, como um refinamento constante do que aconteceu antes. Este sempre foi um esforço duvidoso, pois os avanços científicos vêm mais frequentemente de rupturas com o passado, de um reordenamento de seu modo de investigação e objeto de preocupação como da herança da sabedoria recebida, e hoje poucos de nós têm fé absoluta na natureza inevitavelmente progressiva ou inevitabilidade da ciência. Tais dúvidas devem ser redobradas quando abordamos as inexatas ciências humanas, e o domínio ainda menos preciso do sexo. O objeto do estudo sexológico é notoriamente inconstante e instável, e a sexologia está ligada, por incontáveis fios delicados, às preocupações de sua época. É impossível entender o impacto da sexologia se simplesmente aceitarmos sua própria avaliação de sua história. A sexologia emergiu e contribuiu para uma densa teia de práticas sociais. Isso deveria nos incentivar a ao menos olhar novamente para suas alegações de esclarecimento e neutralidade científica.

As relações sociais da sexologia

A sexologia não apareceu espontaneamente no final do século XIX. Ela foi construída sobre uma série de escritos preexistentes e esforços sociais. Isso por si só deve nos forçar a reconsiderar pelo menos parte de sua reivindicação ao status de oposição. De muitas maneiras, longe de estar em desacordo com as tendências do século XIX, era particularmente cúmplice delas. Como muitos trabalhos históricos recentes mostraram, nossa imagem do século XIX como um período exclusivamente sexualmente repressivo deve ser contestada. Havia de fato medidas penais draconianas contra sodomitas, prostitutas, pornografia, controle de natalidade, aborto – que muitas vezes aumentavam em eficácia pessoal, embora mudassem e muitas vezes liberalizassem suas formas em países como Alemanha, Grã-Bretanha e Estados Unidos à medida que o século avançava. E havia um reinado de eufemismo e delicadeza elaborada, que delineava estritamente o que poderia ser dito e escrito. Mas mesmo a recusa em falar sobre isso, como sugeriu Michel Foucault, marca o sexo como *o* segredo, e o coloca no centro do discurso.

Pois o século XIX assistiu a uma explosão de debates em torno da sexualidade. A partir do final do século XVIII, com os debates malthusianos na Inglaterra sobre a supercriação dos pobres e sobre os excessos sexuais da aristocracia contribuindo para o colapso revolucionário, a sexualidade permeia a consciência social: por meio das discussões generalizadas sobre a moral da classe trabalhadora, as taxas de natalidade, expectativa de vida e fertilidade no início do século, as controvérsias urgentes sobre saúde pública e higiene, condições de trabalho, prostituição, moralidade pública e privada, divórcio e educação de meados do século, ao pânico sobre população, raça e incesto. Nenhum consenso final emerge. O período vitoriano vê uma batalha sobre valores sexuais apropriados em um mundo em rápida mudança. Justamente por isso a sexualidade passa a ser vista como tão importante. É o assunto que não é discutido publicamente como tal, mas atravessa e entrecruza um vasto leque de debates.

Foucault sugeriu que a sexualidade se torna central para a operação do poder no século XIX porque é o foco de uma mudança em duas frentes nas operações produtivas do poder. Isso leva, em primeiro lugar, a uma nova preocupação com o policiamento da população como um todo, a maximização de sua saúde, produtividade e riqueza; e, em segundo lugar, a uma nova tecnologia de controle sobre o corpo. O sexo "era um meio de acesso tanto à vida do corpo quanto à vida da espécie". Essa formulação um tanto abstrata é útil para apontar a emergência de uma nova forma positiva de poder (o que Foucault chama de "biopoder"), preocupada em espalhar seus tentáculos de regulação e controle cada vez mais profundamente nos cantos e recantos da vida social, e em sugerindo a centralidade do sexo para o seu funcionamento. Mas falar sobre sexo não é o mesmo que vivê-lo ou controlá-lo. E não é que a sujeição e a subjetivação pelo sexo seja o único modo de controle, nem no século XIX nem hoje. Não obstante, é verdade que a sexualidade se torna um terreno de contestação no século XIX, pois emerge como uma área central para as operações do corpo político.

O que vemos no século XIX é uma "luta pelo controle" à luz das condições sociais e econômicas em rápida mudança. Tudo isso produziu grandes mudanças nas relações entre os gêneros e na relação entre comportamento e códigos morais. A sexualidade torna-se um campo de batalha simbólico tanto porque foi o foco de muitas dessas mudanças quanto porque foi um meio substituto através do qual outras batalhas intratáveis poderiam ser travadas. Ansiedades produzidas na mente burguesa por meio de grandes aglomerações de trabalhadores, homens e mulheres, nas fábricas, podiam ser emocionalmente descarregadas por meio de uma campanha para moralizar as operárias e excluí-las das fábricas. Preocupações com moradia e superlotação podem ser lançadas por meio de campanhas sobre a

ameaça de incesto. O medo da decadência imperial podia ser atenuado por campanhas moralizadoras contra a prostituição, o suposto portador de infecção venérea e, portanto, do enfraquecimento da saúde dos soldados. A preocupação com a natureza da infância poderia ser redirecionada por meio de uma nova preocupação com a masturbação e a segregação sexual nas escolas e dormitórios. O medo dos efeitos do feminismo nas relações entre os sexos poderia ser canalizado para cruzadas de pureza social para expurgar a imoralidade. Em um conjunto significativo de práticas sociais, o sexual é descoberto como uma chave para o social. Através dessas preocupações e campanhas (e as resistências por elas evocadas), a sexualidade está sendo constituída como uma área chave para as relações sociais. Longe de ser a área mais resistente às operações de poder, é o meio mais suscetível às diversas lutas pelo poder. A sexologia emerge dessas lutas e práticas sociais; ela começa a tarefa de analisá-los, codificá-los e, portanto, constituir em um nível teórico o que já está surgindo no nível da prática social como um domínio unificado da sexualidade, a sexualidade como uma força e um reino autônomos.

Os sexólogos traduzem em termos teóricos o que cada vez mais é percebido como problemas sociais concretos. As ansiedades sobre a categorização social da infância se transformam em um prolongado debate sobre a existência, ou não, da sexualidade infantil e adolescente. A questão da sexualidade feminina se concentra nas discussões sobre a etiologia da histeria, a relação do instinto materno com o sexual e as consequências sociais da periodicidade feminina. A preocupação com as relações cambiantes entre os gêneros produz uma safra de especulações sobre a bissexualidade, o travestismo, a intersexualidade e o instinto reprodutivo. O crescente refinamento na perseguição jurídica do perverso, com o abandono dos antigos delitos eclesiásticos pelos novos delitos seculares, leva a uma polêmica sobre a causa da homossexualidade (mácula hereditária, degeneração, sedução ou congênita) e consequentemente sobre a eficácia do controle jurídico. Como observou Krafft-Ebing, o advogado médico:

constata como é triste o desconhecimento no domínio da sexualidade quando ele é chamado a pronunciar-se sobre a responsabilidade do acusado cuja vida, liberdade e honra estão em jogo.

Também é significativo que a sexologia surja, nas décadas de 1880 e 1890, justamente no período em que em países como Alemanha, Grã-Bretanha e Estados Unidos um consenso de pureza social alcança precária predominância, refletida na consolidação de códigos legais, numa refinada preocupação com a moralidade privada em oposição ao vício público, um desejo de reformar e remoralizar o

domínio público por meio de campanhas contra o álcool e a prostituição, e quando as rivalidades imperialistas estão dando origem a uma nova preocupação com raça e reprodução. A sexologia, como os movimentos de reforma sexual que de muitas maneiras a acompanham, não se desenvolve contra uma monolitismo existente de repressão sexual, mas ao lado de uma higiene social emergente e uma hegemonia da reforma moral com a qual, de muitas maneiras, a sexologia e a reforma sexual estão implicadas. Havelock Ellis, como muitos outros de seus contemporâneos, não foi apenas um defensor pioneiro da remoção de penalidades legais contra os homossexuais, mas também um defensor da eugenia, a tecnologia de procriação seletiva dos melhores, com todas as suas implicações racistas e eurocêntricas, e sentou-se no comitê do Conselho Nacional Britânico de Moralidade Pública. Não havia divisão clara entre o eugenista, o moralista social e o teórico sexual reformista: eles habitavam o mesmo mundo de valores e conceitos. Como Ellis escreveu ainda na década de 1930:

Atualmente, é entre os defensores da moralidade pessoal e pública que os trabalhadores da psicologia sexual e os defensores da higiene sexual encontram o apoio mais caloroso.

A partir disso, fica claro que a sexologia, em grande parte, moveu-se com, e não contra, a tendência das preocupações do século XIX. A questão que surge é por que então os primeiros sexólogos se viam tão aguerridos, tão na vanguarda do progresso? Devemos ter cuidado aqui para distinguir em que termos os escritos sexológicos foram aceitos. Certamente houve uma ausência geral de barreiras à publicação de trabalhos sexuais no continente europeu, e alguém como Magnus Hirschfeld foi capaz de publicar vários volumes e até mesmo um anuário sobre homossexualidade na Alemanha de uma forma que Havelock Ellis na Inglaterra não conseguiu: a versão alemã de seu *Sexual Inversion* [Inversão Sexual] foi publicado em 1896; sua versão em inglês foi efetivamente banida em 1897 e publicada a partir de então apenas nos Estados Unidos. Havia diferenças culturais e morais entre os países e diferentes ritmos na aceitação da literatura sexual. Fatores conjunturais, o equilíbrio de forças entre defensores da pureza social, reformadores sociais e eleitorados políticos, foram tão cruciais para ditar o ritmo de aceitação de novos materiais naquela época quanto agora, e na Inglaterra, notoriamente, a censura foi mais severa do que na Alemanha, Áustria ou França.

Por outro lado, mesmo nos costumes aparentemente mais relaxados da Europa central, a regulamentação do que e como as coisas podiam ser ditas foi precisa. Krafft-Ebing era um médico que escrevia para outros da mesma profissão; portanto, como ele disse, "termos técnicos são usados ao longo do livro para excluir

o leitor leigo", e as descrições sexuais mais explícitas foram feitas em latim. Na 12ª edição, após e *por causa de* seu grande sucesso comercial, o número de termos técnicos e o uso do latim aumentaram. (Mesmo isso não foi satisfatório para os britânicos mais moralistas: o *British Medical Journal* [Jornal Médico Britânico] reclamou em 1893 que todo o livro deveria ter sido escrito em latim, velando-o assim "na obscuridade decente de uma língua morta".) Os livros sobre sexualidade ganharam aceitação quando dirigidos precisamente às profissões médicas e médico-legais. Ellis perdeu o apoio de seus pares na Grã-Bretanha em grande parte porque sentiu que seu *Sexual Inversion* era muito popular em tom, publicado por acaso, por um editor espúrio e desonesto. Ironicamente, o refúgio que ele buscou para os volumes subsequentes de seu *Studies in the Psychology of Sex*, F.A. Davis da Filadélfia, era muito rigoroso sobre vender apenas para a profissão. Apenas quando a Random House assumiu a série em 1936 houve uma venda geral. A imprensa médica foi surpreendentemente explícita em comparação com a delicadeza e insinuações da imprensa popular e de classe média, mas sua circulação era limitada.

Esses parâmetros, além disso, não eram peculiares ao século XIX ou ao início deste século. Kinsey foi fortemente instado a publicar suas descobertas em uma editora médica. O presidente da Universidade de Indiana pensou que o livro iria então:

iria para as mãos das pessoas mais conceituadas, aquelas que precisavam dele para fins científicos e, conseqüentemente, teriam pouca circulação e, portanto, não seriam mal interpretadas.

(Ele também exortou Kinsey a não publicar durante os 61 dias da Sessão Legislativa de Indiana, sublinhando os parâmetros políticos; o primeiro volume *com* uma editora médica vendeu 200.000 nos primeiros dois meses, ilustrando outro ponto: as instituições de regulamentação podem prescrever e proibir, mas as pessoas respondem de suas próprias maneiras, muitas vezes subversivas.)

William Masters, ansioso por seguir o trabalho que Kinsey havia começado na observação de processos fisiológicos, foi aconselhado pelo mentor *dele* a esperar até os 40 anos antes de começar, para estabelecer uma reputação em outro lugar primeiro e depois ser patrocinado por uma grande escola de medicina, injunções que ele seguiu quase ao pé da letra. Claramente, durante a maior parte deste século não foi sobre o que você publicou, mas com quem e para quem você publicou que foi o mais crucial.

Em resumo, as descobertas da pesquisa e teorização sobre sexo foram permitidas quando foram compatíveis com um discurso aceitável, geralmente o da medicina. Quando os teóricos sexuais eram, por outro lado, explicitamente políticos em seus compromissos, eles se tornavam vulneráveis a desafios e ataques. Eles eram especialmente vulneráveis quando ficavam do lado dos desviantes sexuais. Um Ulrichs, mais um advogado do que um médico e um propagandista (mesmo que, como Numa Numantus, sob pseudônimo) da homossexualidade, tinha menos probabilidade de ser levado a sério do que um Krafft-Ebing, que podia transmutar seus pensamentos em uma linguagem médica adequada. Na Grã-Bretanha, Havelock Ellis, como um cientista mais ou menos respeitável, poderia esperar uma audiência geralmente mais respeitosa do que seu compatriota, o escritor socialista e homossexual Edward Carpenter. Ellis reconheceu desde o início da década de 1880 que, para ser ouvido, ele precisava se formar como médico. O sentimento inicial de batalha que Freud expressou pode muito bem ter se originado de seu leve desdém pela profissão médica: a jurisprudência médica foi o único exame em sua vida em que ele falhou.

Foi pela sua simbiose com a profissão médica que a sexologia se tornou respeitável. Foi de fato o novo "olhar médico" do século XIX, o novo conceito de exploração e compreensão sistemática do corpo, que também, em um sentido muito importante, tornou a sexologia possível ao remodelar as questões que poderiam ser feitas sobre o corpo humano (sexuado) e seus processos internos. Mas o outro lado disso era que o insight sexológico poderia facilmente se tornar subordinado a uma norma médica. Muitos comentadores do século XIX, sobretudo feministas, notavam a elevação da profissão médica a uma nova casta sacerdotal, à medida que a própria profissão procurava consolidar-se e à medida que os seus princípios e práticas eram utilizados na intervenção social, sobretudo em relação às mulheres. Na melhor das hipóteses os médicos, com poucas exceções, geralmente concordavam com ideias estereotipadas de feminilidade, mesmo que não fossem militantes em moldá-los. Na pior das hipóteses, os médicos intervieram para realmente moldar a sexualidade feminina por meio do trabalho de casos, organizando-se contra o acesso das mulheres ao ensino superior por causa de sua incapacidade para o trabalho intelectual, apoiando novas formas de intervenção e evidências legais, fazendo campanha contra o aborto e o controle de natalidade. Os comentaristas observaram que a medicina do século XIX criou as mulheres como nada mais do que úteros sobre pernas, pouco mais do que o mecanismo pelo qual a vida era transmitida. O comentário de Ellis de que os cérebros das mulheres estavam, em certo sentido, 'em seus úteros' ou o de Otto Weininger de que 'o homem possui órgãos sexuais; seus órgãos sexuais possuem mulheres' invocaram, reafirmaram e recircularam tais suposições do discurso médico.

A sexologia em seu início, então, extraiu muito de sua reivindicação de legitimidade de sua associação com instituições de poder mais aceitáveis, especialmente a medicina e a lei, e essa é uma tendência que continuou. A pesquisa sexual, observou Plummer, torna seus praticantes (mesmo na década de 1980) "moralmente suspeitos", e na pressa de se protegerem muitos sexólogos se tornaram pouco mais do que propagandistas da norma sexual, seja ela qual for. O apelo à ciência torna-se então pouco mais do que um gesto para legitimar intervenções governadas em grande parte por relações específicas de poder. A produção no discurso sexológico de um corpo de conhecimento aparentemente neutro cientificamente (sobre mulheres, sobre variantes sexuais, delinquentes ou criminosos) pode se tornar um recurso a ser utilizado na produção de definições normativas que limitam e demarcam o comportamento erótico. Na década de 1920, as organizações tradicionais de pureza social, profundamente enraizadas nas tradições cristãs evangélicas, estavam preparadas para abraçar um coquetel de ideias de Ellis e Freud. Hoje o direito moral acha oportuno legitimar suas cruzadas de pureza por referência a achados sexuais (selecionados). A sexologia nunca esteve diretamente fora ou contra as relações de poder; ela frequentemente tem sido profundamente implicada neles.

O imperativo biológico

Masters e Johnson a certa altura se ajoelham perante o poder da 'Autoridade'. Os pesquisadores do sexo se tornaram autoridades que têm o poder de legitimar ou negar. Isso, não suas predileções ou crenças pessoais, é o que os torna significativos em nosso século, e nisso reside seu poder para o bem ou para o mal. Muitos sexólogos reconheceram isso e exploraram cuidadosamente as dificuldades éticas e políticas da pesquisa sexual: os efeitos que a pesquisa pode ter sobre o assunto, os vieses das descobertas, o impacto que quaisquer mudanças nas atitudes sexuais podem ter, as dificuldades de estabelecer diretrizes. Todas essas são áreas de debate legítimo e adequado. Mas ainda mais significativo e menos discutido tem sido o impacto dos sexólogos demarcando seu próprio domínio de conhecimento, o corpo e sua sexualidade, em condições nas quais eles têm o poder de julgar sobre a normalidade e a anormalidade. Pois é em sua reivindicação de conhecimento especializado das origens sexuais do comportamento que reside o verdadeiro poder da sexologia. E, a partir disso, sua conquista foi *naturalizar* padrões e identidades sexuais e, assim, obscurecer sua genealogia histórica. Os resultados foram profundos na formação de nossos conceitos de sexo e subjetividades sexuais.

Existem três áreas estreitamente relacionadas onde o poder de naturalização tem sido particularmente forte: em relação às características do próprio sexo, no privilégio teórico e social da heterossexualidade e na descrição e categorização das variações sexuais, particularmente da homossexualidade. Eu quero olhar para cada um deles.

I

A ênfase na importância do sexo para o indivíduo tem sido central para os teóricos sexuais do século XX. Tem sido visto como a fonte de nosso senso pessoal de identidade e, potencialmente, de nossa identidade social. É, de acordo com Ellis, "onipresente, profundamente enraizado, permanente" e o último recurso de nossa individualidade e humanidade. É a coisa mais privada sobre nós e o fator que tem mais profundo significado social. E no entanto, quando definiram a natureza dessa força penetrante, os teóricos sexuais estavam em um terreno menos seguro. As melhores autoridades, sugeriu Havelock Ellis, 'hesitam em definir exatamente o que é 'sexo', e certamente, apesar de muito esforço antes e depois, não somos mais capazes do que aquelas 'melhores autoridades' para definir sua essência última. Mas isso não impediu que os teóricos sexuais adotassem uma ideia firmemente essencialista da sexualidade. O sexo tem sido definido como um impulso avassalador no indivíduo, uma "lei fisiológica", "uma força gerada por fermentos poderosos", que é a garantia de nosso senso de identidade mais profundo. A imagem do sexo masculino como uma força desenfreada quase incontrolável (um 'vulcão', como Krafft-Ebing colocou graficamente, que 'queima e devasta tudo ao seu redor; um abismo que devora toda honra, substância e saúde') é aquele que dominou nossa resposta ao assunto. Percebemos o que foi chamado de 'mandato biológico básico', uma energia poderosa que pressiona e, portanto, deve ser controlada pela matriz cultural. O sexo é uma força externa e colocada contra a sociedade. Faz parte da eterna batalha do indivíduo e da sociedade.

Essa visão tem o mérito de parecer senso comum, mais próxima de nossas percepções (ou pelo menos das percepções masculinas) de nossos impulsos sexuais. Além disso, é uma visão endossada por uma longa tradição. Assim, Santo Agostinho no início da era cristã vê o ato sexual como uma espécie de espasmo:

Esse ato sexual toma posse de todo o homem de forma tão completa e apaixonada, tanto física quanto emocionalmente, que o resultado é o mais agudo de todos os prazeres no nível das sensações e, na crise de excitação, praticamente paralisa todo o poder do pensamento deliberado.

Muito mais tarde, no século XVII, um certo William Bradford, membro da colônia de Plymouth na América, evocou essa resposta gráfica tradicional; ele comparou a perversidade sexual com água represada. Quando as barragens se rompem, as águas "fluem com mais violência e fazem mais barulho e perturbação do que quando se permite que corram silenciosamente em seus próprios canais". O sexo é um fenômeno natural envolvente.

Metáforas como essas — "espasmos", "água represada", ou mesmo as posteriores de "economizar" e "gastar", todas imagens hidráulicas — abundam nos discursos sobre o sexual. Eles são recorrentes nos escritos dos sexólogos, de Krafft-Ebing a Kinsey. É claro, escreveu o último,

que existe um impulso sexual que não pode ser reservado para nenhuma grande parcela da população por qualquer tipo de convenção... Para quem prefere pensar em termos mais simples de ação e reação, é a imagem de um animal que, por mais civilizado ou culto que seja, continua respondendo aos estímulos sexuais constantemente presentes, embora com algumas restrições sociais e físicas.

Sejam os elegantes volumes de Ellis (que preferia o termo 'impulso'), os ensaios e artigos de Freud (cujo conceito de 'the drive' [pulsão] relaciona-se ambigualmente com a tradição), os escritos politicamente engajados e as 'excursões metateóricas' da esquerda Freudiana, o trabalho de campo etnográfico dos antropólogos sociais, as incursões estatísticas de um Kinsey, o trabalho de laboratório de Masters e Johnson (em sua noção de 'resposta fisiológica') ou no determinismo genético da sociobiologia, onde a agência dos genes substitui o imperativo dos instintos; ao todo, há um compromisso duradouro com o que pode ser chamado de modelo essencialista. Onde os teóricos sexuais diferiram de seus precursores canônicos foi em seu esforço para colocar esse modelo em uma base científica, tentando definir a natureza última desse instinto.

O conceito geral dos instintos teve uma longa proveniência, remontando a Platão e Aristóteles, reaparecendo na Idade Média no conceito de lei natural, e presente no século XVIII em noções de consciência, benevolência, simpatia e outros 'sentimentos morais'. Mas foi Darwin quem forneceu o ponto de virada mais importante na história do assunto: um capítulo em *Origin of Species* [A Origem das Espécies] será dedicado ao assunto e, embora não em relação aos humanos, suas extensões eram óbvias. Sua importância era que os instintos foram colocados em um contexto evolutivo que estimulou os biólogos a especular sobre sua fonte, variedades e efeitos. Isso não implicava automaticamente um determinismo biológico. O darwinismo inspirou um interesse revivido na herança de

características adquiridas (ambientalmente) tanto quanto um interesse em genética. A lei biogenética fundamental de Haeckel, que propunha a cultura como um florescimento de tendências evolutivas monistas com o desenvolvimento individual repetindo o desenvolvimento da raça (que Freud adotaria e adaptaria), era filha de Darwin. A descoberta de Weismann da continuidade do 'plasma germinativo', a unidade da hereditariedade, e o interesse renovado nos experimentos de Abbé Mendel com ervilhas-de-cheiro que enfatizavam a independência da genética em relação à influência ambiental, foi outra. Argumentos biológicos foram contestados. Mas o que o darwinismo fez foi alimentar a especulação sobre as origens dos fenômenos e, assim, estimular a busca pelo principal motor do comportamento. O conceito de "instinto" preencheu a lacuna de maneira útil.

A visão dominante dos instintos até a década de 1920 argumentava que eles estabeleciam os fins básicos e permanentes da atividade humana, fornecendo os "desejos" fundamentais, os impulsos persistentemente recorrentes, comuns a todos os membros da espécie, que eram hereditários e aos quais os diferentes padrões de comportamento foram uma resposta. Os primeiros sexólogos tentaram desenvolver a ideia de um instinto *sexual* neste contexto. Uma visão tradicional (presente, por exemplo, nos escritos de Martinho Lutero) que ainda era utilizada por Charles Féré até a década de 1890 era que o instinto sexual era pouco mais que o impulso de evacuação. A dedução óbvia disso é que a sexualidade era essencialmente masculina, sendo a mulher apenas um receptáculo sagrado: "o templo construído sobre um esgoto". Uma visão mais respeitável era a de que a sexualidade representava o "instinto de reprodução", uma teoria mais atraente porque refletia pelo menos um resultado da cópula heterossexual e poderia oferecer uma explicação da sexualidade feminina como produto do "instinto materno". Mas dificilmente explicava adequadamente as variações sexuais, exceto como uma falha da heterossexualidade. Nem, é claro, explicava a maioria das relações heterossexuais, apenas uma fração das quais são guiados exclusivamente por anseios reprodutivos ou parentais. Darwin, em *The Descent of Man* [A Queda do Homem], sugeriram que outros fatores complementares estavam em ação, ou seja, os processos de respostas estéticas e eróticas que asseguravam a seleção sexual, e isso inspirou sexólogos como Moll e Ellis a teorizar o instinto sexual como um processo complexo envolvendo fatores biológicos e psicológicos. Entre alguns escritores isso deu origem a uma visão pansexualista onde o sexo se tornou a única força explicativa para os fenômenos sociais. Entre escritores mais sofisticados como Ellis e Freud, o impulso do sexo foi teorizado como apenas uma das grandes forças em disputa que moldaram a civilização, a fome e a autopreservação, o amor e o sexo.

O caminho estava aberto para uma teorização do processo de estimulação sexual de uma forma que lançou as bases para as investigações posteriores de Masters e Johnson. A rejeição da pansexualidade em sua forma extrema sugeria que o instinto sexual estava sempre sujeito a restrições e modificações. Krafft-Ebing notou, por exemplo, a modificação do instinto exigida pelo hereditarismo, fatores morais, raciais e climáticos. Mas isso abriu caminho para problemas. Se os instintos fossem meramente fontes gerais de estímulos e não dirigidos especificamente a objetos, então a naturalidade da heterossexualidade se tornaria questionável e as aberrações dos instintos só poderiam ser julgadas assim em bases puramente morais. No entanto, simultaneamente, os sexólogos pioneiros estavam ansiosos para afirmar a centralidade absoluta do impulso heterossexual, enraizado como eles o viam em processos naturais. Homens e mulheres, concordava-se, haviam evoluído de forma diferente no interesse da evolução. Herbert Spencer, o antigo sociólogo inglês, acreditava que as diferenças entre os sexos eram resultado da interrupção anterior das evoluções individuais nas mulheres, necessária pela reserva de poderes vitais para cobrir o custo da reprodução. A subsequente ruptura com os conceitos lamarckianos da herança de características adquiridas por meio da descoberta de Weismann da continuidade do plasma germinativo acentuou em vez de minar isso. Patrick Geddes e J. Arthur Thomson, em seu influente trabalho *The Evolution of Sex* [A Evolução do Sexo] (1889), descobriu que o plasma germinativo, a unidade fundamental da hereditariedade, já apresentava todas as características de diferenciação sexual que poderiam ser vistas como decorrentes de uma diferença básica em todo o metabolismo. Ao nível da célula, a masculinidade caracterizava-se pela tendência a dissipar energia (catabólica) e a feminilidade pela tendência a acumular energia (anabólica). Ao fazer o esperma e o óvulo exibirem as qualidades de catabolismo e anabolismo, Geddes e Thomson foram capazes de deduzir uma dicotomia entre os sexos que, como a de Spencer, poderia ser facilmente assimilada ao ideal convencional de racionalidade masculina e intuição feminina, e que, estabelecido em natureza, não poderia ser facilmente substituído.

E ainda, como Geddes e Thomson colocaram em seu livro, *Sex* [Sexo], o instinto por si só não é suficiente para nos guiar através do pântano do perigo e do desastre potencial. A relação sexual de homens e mulheres, embora biologicamente necessária e inevitável, também é cercada por perigos que apenas as prescrições sociais - 'autocontrole', 'mentalidade saudável', 'limpeza' vida" e educação sexual - podem nos ajudar a controlar.⁶⁸ Daí o paradoxo duradouro: a heterossexualidade é natural, mas precisa ser alcançada, inevitável, mas constantemente ameaçada, espontânea, mas na verdade precisa ser aprendida. É esse paradoxo que exigiu a investigação das verdadeiras naturezas de homens e mulheres e das variações

sexuais que, em todo o seu esplendor perverso, testemunhavam apenas a instabilidade do instinto.

II

Duas grandes polaridades, entre homens e mulheres, e entre sexualidade normal e anormal, dominaram o pensamento sexual. A definição de normalidade geralmente tem sido em termos de práticas sexuais que têm alguma relação com a reprodução, mas também foi reconhecido que há uma série de práticas sexuais que não alcançam o coito reprodutivamente bem-sucedido, que, embora incorrendo em injunções eclesiásticas ou legais, são ainda consideradas "normais" nas relações heterossexuais: felação, cunilíngua, sodomia, mordidas e assim por diante. Elas só se tornam "anormais" quando substituem a sexualidade reprodutiva por si mesmas, quando se tornam fins em si mesmas em vez de "prazeres prévios". Não foi um grande salto disso ver um continuum entre as práticas heterossexuais e outras práticas 'anormais', 'perversas' ou posteriores, 'desviantes' (embora muitos teóricos sexuais tenham considerado esse salto virtualmente impossível de fazer). A ideia de um continuum de sexualidade nasceu. Latente em Ellis, manifesta em Freud, torna-se a base para a recusa radical de Kinsey ao julgamento moral sobre a sexualidade. Nada, ao que parecia, que fosse biologicamente possível era *nele mesmo* intrinsecamente prejudicial. Essa visão nunca foi incontestada, mas constitui a principal contribuição de Kinsey para uma avaliação radical do sexo. Mas a primeira polaridade, entre homens e mulheres, tem sido tomada muito mais como dada, irredutível. Assim, Kinsey, mesmo ao desafiar as distinções absolutas, observou que 'são necessários dois sexos para realizar o negócio de nossa organização social humana'. Observe o salto da diferença corporal para a divisão social.

De fato, poucos procuraram desafiar tais declarações; e definir a divisão - e, portanto, as *verdadeiras* naturezas de homens e mulheres - tem sido um imperativo central dos teóricos sexuais. O que na teoria da seleção sexual de Darwin havia sido considerado concedido, meras diferenças que favoreciam o sexo reprodutivo, tornaram-se nas mãos de seus sucessores imediatos dicotomias fundamentais que exigem explicação. Como Geddes e Thomson viram,

As diferenças podem ser lidas nas proporções do corpo; na composição do sangue; no número de glóbulos vermelhos; no pulso; na periodicidade de crescimento; na quantidade de sal na composição do corpo.

Os muitos avanços que ocorreram no conhecimento dos processos internos — da ovulação, dos cromossomos e hormônios, do DNA — foram invariavelmente

utilizados para apoiar essa suposição. Ellis e a maioria de seus contemporâneos, com a maior, embora parcial, exceção de Freud, buscaram explicações biológicas para as diferenças. Onde explicações ambientais sofisticadas são apresentadas para explicar as diferenças nas práticas sexuais, as diferenças nas características de gênero ainda são atribuídas a fatores genéticos (Masters e Johnson). Mesmo quando os escritores se esforçam para demonstrar afinidades entre os sexos (como em Kinsey ou posteriormente Gagnon e Simon), são desenvolvidas explicações psicológicas ou sociais para explicar as diferenças. A questão não é que não haja diferenças, mas que as diferenças reais não precisam explicar automaticamente interesses ou identidades antagônicas e, ainda assim, na esmagadora massa da sexologia as diferenças no equipamento sexual foram lidas como responsáveis pelo mundo da divisão social entre os homens e mulheres e como causa fundamental de nossas subjetividades diferenciadas.

Isso, por sua vez, fornece a base para as definições de normalidade e anormalidade. Ser um homem normal é ser heterossexual (atraído pelo sexo oposto); ser uma mulher normal é ser uma receptora acolhedora do cortejo masculino. O comportamento apropriado ao gênero está sendo definido em relação às práticas sexuais apropriadas. Isso pode parecer tão basicamente óbvio que não merece comentários. Mas essas demarcações nítidas são, eu sugeriria, *históricas*, não fenômenos naturais. Pode ser que a dicotomização seja uma atividade mental fundamental e certamente o gênero há muito é uma divisão conceitual fundamental. Como Lynda Birke colocou, 'Ver o mundo nos termos da dicotomia de gênero pode ser um hábito antigo e desagradável.' O que parece ter mudado é o significado que atribuímos a ela. Outras culturas viram as diferenças como fluidas e complementares. Tendemos a vê-los como nítidos e aposicionais. A centralidade dada ao gênero na distinção de comportamentos adequados deve, portanto, ser vista como um processo social que precisa de explicação, e não como um fato natural que deve ser dado como certo.

Uma vez arraigada, no entanto, a associação de gênero e comportamento sexual tornou-se extremamente difícil de desafiar. Os primeiros sexólogos desempenharam o papel principal na teorização dessas distinções. A pergunta que devemos fazer é por que eles sentiram que era uma tarefa tão importante. Ludmilla Jordanova argumentou que os debates sobre sexo e papéis sexuais, especialmente no século XIX,

dependiam precisamente das maneiras pelas quais os limites sexuais podem se tornar indistintos. É como se a ordem social dependesse da clareza a respeito de certas distinções cujos significados simbólicos se estendem muito além de seu contexto explícito.

Muitos ataques às feministas do século XIX ocorreram precisamente porque elas ameaçavam obscurecer as distinções entre os sexos, e é verdade que grande parte da literatura sexológica é uma resposta direta à mudança de posição das mulheres. A melancólica pergunta de Freud, "O que a mulher quer?", não era exclusiva dele. É a nota comum dos *Founding Fathers* [Pais Fundadores].

Mas essa acentuação da diferença sexual não foi apenas uma resposta às mulheres; outros notaram como as distinções e dualidades em geral se tornaram importantes na definição do sexual (ou de outras áreas do social) no século XIX: vício/virtude, higiene/doença, moralidade/depravação, civilização/animalidade, natureza/cultura, mente/corpo, razão/instinto, responsabilidade/não-responsabilidade. Cada uma dessas distinções teve sua própria história separada, alimentando as definições de sexualidade em desenvolvimento: as mulheres estavam mais próximas da moralidade e da animalidade, do corpo e do instinto, da natureza e da irresponsabilidade. Homens são o contrário. Estas se tornam as bases para divisões agudas, contradições, opostos.

Esses desenvolvimentos *teóricos* reforçaram tendências *sociais* que trabalhavam para redefinir as relações entre sexos. Estas eram específicas de classe, geograficamente e nacionalmente variadas, e nunca unilineares em seu impacto. Os padrões de subordinação feminina nunca foram uniformes nem incontestados, como sugere a existência de um grande movimento feminista na maioria dos principais países capitalistas. Mas o que os sexólogos poderiam fornecer eram definições aparentemente científicas que poderiam ser usadas para justificar diferenças sociais e mudanças de pressupostos e necessidades. Eles deram sentido teórico a um pântano de crenças populares sobre as esferas apropriadas de homens e mulheres e a demarcação da normalidade sexual. Tais elementos na cultura eram frequentemente contraditórios em forma e efeito, e a sexologia ajudou a transformá-los em conceitos "científicos", que poderiam então ser desafiados e transformados por estudos empíricos. Mas a sexologia foi bem sucedida precisamente ao nível em que fez sentido de crenças e sentimentos rudimentares — em que suas teorias poderiam ser consideradas verdadeiras pelo 'senso comum'.

Talvez a mente humana precise de limites. Mas o que é problemático sobre os limites traçados pelos sexólogos é que eles eram estáticos, em conformidade com suposições pré-dadas. Ao construir o que não são mais do que categorias da mente humana, e então fazer delas a base para a investigação empírica, eles estão delineando estreitamente a potencialidade humana e reificando as características humanas. O exemplo mais extraordinário foi a mudança nas definições da sexualidade feminina. Desde as negações da existência da sexualidade feminina de um William Acton (que Ellis reconheceu ser peculiar ao século XIX) até a glorificação

do potencial sexual feminino nos escritos de Masters e Johnson, o feminino foi definido por especialistas homens. Os efeitos contraditórios disso são ilustrados na medicalização da sexualidade clitoriana. Não houve ausência na literatura sexológica de um reconhecimento da importância do clitóris para a sexualidade feminina. Mesmo o relato de Freud sobre a supressão da sexualidade clitoriana na jovem foi uma tentativa, embora inevitavelmente ambígua e tendenciosa, de explicar as características percebidas da sexualidade feminina adulta. Mas suas observações descartáveis sobre o clitóris ser um falo vestigial imediatamente, nas mãos de seus seguidores, tornaram-se um fato empírico, enquanto seu relato descritivo da sexualidade feminina tornou-se normativo. A teoria freudiana nunca deixou de ser contestada, e embora inevitavelmente ambíguo e tendencioso, para explicar as características percebidas da sexualidade feminina adulta. Mas suas observações descartáveis sobre o clitóris ser um falo vestigial imediatamente, nas mãos de seus seguidores, tornaram-se um fato empírico, enquanto seu relato descritivo da sexualidade feminina tornou-se normativo. A teoria freudiana nunca deixou de ser contestada e houve mudanças sutis até mesmo nos escritos de seus seguidores mais ardentes. Mas para alguns tornou-se uma verdade absoluta que não tolerava nenhum desafio empírico. Bergler equiparou a frigidez com a incapacidade de atingir o orgasmo *vaginal*, e não surpreendentemente descobriu que isso era uma falha que atingia 70-80 por cento de todas as mulheres. Os orgasmos do clitóris eram apenas orgasmos parciais e sinais de imaturidade. Ele castigou Kinsey de maneira famosa:

Uma das histórias mais fantásticas que as voluntárias contaram a Kinsey (que acreditou nelas) foi a do orgasmo múltiplo. Alegadamente, 14 por cento dessas mulheres afirmaram ter experimentado [orgasmos múltiplos]... O orgasmo múltiplo é uma experiência excepcional. As 14% das voluntárias de Kinsey, todas frígidas por via vaginal, pertenciam obviamente ao tipo ninfomaníaco de frigidez em que a excitação aumenta repetidamente *sem* atingir um clímax. Não estando familiarizado com este fato médico... Kinsey foi capturado pelos quase acidentes que essas mulheres representavam como orgasmos múltiplos.

O resultado de tais comentários foi patologizar não apenas alguns tipos de atividade, mas também as pessoas que os expressaram. A mulher frígida torna-se uma imagem poderosa em um mundo que, na década de 1940, está ocupado sexualizando todas as formas de comportamento.

Objeto do desprezo de Bergler, Alfred Kinsey já havia declarado claramente sua posição em 1948, mesmo que não pudesse cumpri-la. 'Nada fez mais', escreveu ele em *Sexual Behavior in the Human Male* [Comportamento Sexual no Homem Humano], para bloquear a investigação do comportamento sexual do que

a aceitação quase universal, mesmo entre os cientistas, de certos aspectos desse comportamento como normais e de outros aspectos desse comportamento como anormais.

A obsessão com a norma inevitavelmente produziu um esforço sustentado para explicar o anormal, as perversões, das quais a homossexualidade se tornou o principal exemplo, embora ambíguo. Divisões entre formas aceitáveis e inaceitáveis de comportamento sexual claramente não eram novidade no século XIX. Mas os primeiros sexólogos ajudaram a produzir uma grande mudança conceitual. A divisão fundamental durante grande parte da era cristã foi entre sexualidade reprodutiva e não reprodutiva. Estas estavam intimamente relacionadas com as injunções bíblicas sobre o casamento e a procriação serem a única justificação moral para a indulgência sexual, sendo o caminho para a salvação através da abjuração dos pecados da carne. Isso significava, logicamente, que uma hierarquia de pecados tornava a sodomia (relações não reprodutivas) pior do que o estupro (que era potencialmente reprodutivo). A sodomia tornou-se uma categoria abrangente que incluía contato sexual, não necessariamente anal, entre homens e homens, homens e animais e homens e mulheres. Foi universalmente execrado, embora os detalhes de seu horror permanecessem decentemente vagos. Havia um abismo enorme entre o ato sexual e o ser social. A prática da sodomia não significava, em nenhum sentido ontológico, fazer de você um tipo diferente de ser. Um 'sodomita' era alguém que praticava atos sodomitas, e a lei, embora draconiana, era seletiva e arbitrária em seu impacto. Mas o século XIX produziu uma nova definição e um novo significado. O sodomita, como disse Foucault, era uma aberração temporária; mas o homossexual pertencia a uma espécie.

No decorrer do final do século XIX, o homossexual emergiu como um tipo distinto de pessoa, produto da nova dicotomia heterossexual/homossexual. Sexólogos rapidamente intervieram para defini-lo (e era, a princípio, 'ele'). Com base no trabalho pioneiro de escritores como Ulrichs, os sexólogos tentaram explicar a etiologia dessa criatura: corrupção ou degeneração, congênita ou transmissão de trauma infantil. A homossexualidade era natural ou perversa, inerente ou adquirida, para ser aceita como destino ou passível de cura? Ao lado de questões tão tortuosas, eles produziram tipologias elaboradas que distinguiam diferentes tipos de homossexualidade em um zelo classificatório que não diminuiu. Ellis distinguia o

invertido e o perverso, Freud o invertido absoluto, o anfigênico e o contingente. Clifford Allen distinguiu doze tipos, desde o compulsivo, o nervoso, o neurótico e o psicótico, até o psicopata e o alcoólatra. Richard Harvey encontrou 46 tipos, incluindo o 'jovem desmoralizado', 'o religioso', o 'fisculturista', o 'odador de mulheres', a 'rainha da guerra' e a 'rainha do navio'. Kinsey inventou uma classificação de sete pontos para o espectro de comportamento heterossexual/homossexual. Isso permitiu que outros distinguíssem 'um quatro' de 'um cinco' ou 'um seis' como se o ser essencial dependesse disso. Mesmo os pesquisadores ansiosos por romper com a categorização rígida (em favor do pluralismo dúbio das 'homossexualidades') conseguiram descobrir cinco tipos de experiência homossexual que dançavam ao longo da linha tênue entre descrição e categorização.

Muitos dos sexólogos perceberam o perigo de definições excessivamente rígidas, pois elas simplesmente não se encaixavam na evidência empírica. Na década de 1930, Ellis falava da ideia mais neutra de 'desvios sexuais' do que da noção de perversões que evocava horror. O caminho estava sendo preparado para a rejeição de Kinsey de "todas ou nenhuma proposição". Mas uma vez que a noção de 'o homossexual' (ou o sádico ou masoquista, travesti ou cleptomaniaco, pedófilo ou coprofílico) nasceu, tornou-se impossível escapar de suas entranhas. As práticas sexuais tornaram-se o critério para descrever uma pessoa. E como os modos de regulação social da sexualidade mudaram durante e após o século XIX, como as categorias abrangentes como a sodomia caíram antes da busca mais refinada e mais eficaz de pequenos delitos sexuais, então as novas definições foram trazidas para o jogo não apenas para descrever, mas para explicar os miseráveis infratores levados perante os tribunais ou a profissão médica.

O conceito de um imperativo biológico teve, portanto, consequências muito além de suas reivindicações abertas. Como teoria explicativa, era vaga em termos científicos e ambígua na explicação social. Mas preenchia um espaço conceitual que a tornava indispensável. Os sexólogos não tinham certeza do que era sexo; mas eles *sabiam* que por trás dela havia uma força sexual que explicava tanto a natureza do sujeito individual quanto sua escolha de objeto e práticas sexuais. Sem seu poder explicativo, a sexologia teria sido uma disciplina muito enfraquecida.

Os limites da sexologia

A reivindicação da sexologia à racionalidade científica e política deu-lhe um status privilegiado, e sua influência se espalhou por uma série de atividades sociais:

para a lei, medicina, agências de bem-estar social e até mesmo as mais fanáticas das organizações religiosas. Suas definições tiveram, conseqüentemente, grandes efeitos na formação nossos conceitos de sexualidade masculina e feminina, ao demarcar os limites do normal e do anormal, ao definir o homossexual e outros 'desviantes' sexuais. Esta é uma conquista poderosa para uma disciplina que foi variegada em origens, turbulenta e controversa em desenvolvimento, periférica em termos das grandes transformações sociais do século.

A própria marginalidade da sexologia, no entanto, tem sido sua graça salvadora. Ao trabalhar com o grão da ortodoxia aceita, era uma força que poderia prender as pessoas em posições predefinidas - como degenerados, pervertidos, disfuncionais sexuais ou o que você quiser. Em momentos críticos, no entanto, as descobertas da pesquisa sexual tiveram um efeito alternativo, potencialmente liberalizante. Os escritos de Havelock Ellis ou Magnus Hirschfeld sobre a homossexualidade, de Freud sobre a normalidade da fantasia sexual, de Alfred Kinsey sobre o espectro das sexualidades: tudo isso perfurou a tradição sexual e abriu caminho para formas mais sensíveis de lidar com a diversidade sexual. Eles eram criaturas de seu tempo e seu tempo não era o nosso, mas devemos julgar as intervenções dos sexólogos pioneiros não apenas verticalmente - como eles falam conosco - mas também horizontalmente - como eles falaram com seu próprio tempo. Sua reivindicação insistente de verdade científica era uma arma perigosa, mas era uma arma que poderia ser desativada. Acima de tudo, o discurso sexológico, por suas próprias ambivalências e contradições, era um recurso que poderia ser utilizado e mobilizado mesmo por aqueles aparentemente desqualificados por ele.

O exemplo da homossexualidade é útil novamente, tanto porque era tão central para o esforço sexológico quanto porque agora existe uma documentação bem desenvolvida da história homossexual. A partir disso fica claro que, embora a atividade erótica entre homens e mulheres e entre mulheres e mulheres tenha existido em todos os tempos e em todas as culturas, apenas em algumas sociedades uma categorização homossexual distinta e um senso de identidade se desenvolvem. Hoje temos identidades lésbicas e gays muito claras: somos o que somos, nossas próprias criações muito especiais. No século XVIII e início do século XIX, as relações entre mulheres não eram claramente demarcadas como sexuais ou não sexuais, lésbicas ou heterossexuais e, apesar das formações e relacionamentos subculturais, locais de encontro, clubes de travestis e afins, havia pouca evidência de uma identidade homossexual masculina. A "descoberta" sexológica do homossexual no final do século XIX é obviamente um momento crucial. Deu um nome, uma etiologia e potencialmente os embriões de uma identidade. Marcava um

tipo especial de pessoa homossexual, com fisionomia, gostos e potencialidades distintas. Então, os sexólogos criaram o homossexual? Essa certamente parece ser a posição de alguns historiadores. Michel Foucault e Lillian Faderman parecem às vezes argumentar, em uma aliança incomum, que foi a categorização dos sexólogos que tornou possível o "homossexual" e a "lésbica". Com base na crença de Ulrichs de que os homossexuais eram um terceiro sexo, a alma de uma mulher no corpo de um homem, Westphal foi capaz de inventar o 'sentimento sexual contrário', Ellis o 'invertido' definido por uma anomalia congênita e Hirschfeld o 'sexo intermediário'; as definições sexuais, incorporadas nas intervenções médicas, "criaram" o homossexual. Até que a sexologia lhes desse o rótulo, havia apenas a meia-vida de um senso amorfo de si mesmo. A identidade homossexual como a conhecemos é, portanto, uma produção de categorização social, cujo objetivo e efeito fundamentais eram a regulação e o controle. Nomear era aprisionar.

Por mais tentador que pareça, a história real parece mais complexa e o papel da sexologia mais sutil. Há evidências abundantes de pelo menos uma formação subcultural masculina homossexual muito antes da intervenção da sexologia - na Inglaterra desde o século XVII, na Itália e em outros lugares da Europa desde a Idade Média. Seu desenvolvimento foi desigual entre diferentes culturas, e muitas vezes quebrado em continuidade. A população que usava as subculturas frequentemente era participante casual, e certamente poucos adotaram a homossexualidade como modo de vida antes do século XIX. Ainda mais crucialmente, havia diferenças fundamentais entre a atividade homossexual masculina e a lésbica.

As práticas homossexuais masculinas parecem ter se desenvolvido *contra* os padrões mais amplos da sexualidade masculina, como sugere a forte associação entre homossexualidade masculina e efeminação no século atual. Ser 'homossexual' era ser um homem fracassado, ou seja, uma pseudo-mulher. O lesbianismo antes do século atual fundiu-se muito mais facilmente com os padrões gerais de interação feminina: silencioso porque impensável, mas presente como parte dos laços criados pela experiência comum da feminilidade.

Ao mesmo tempo, há indícios de que os sexólogos produziram suas definições para compreender um fenômeno social que se apresentava diante de seus olhos: diante deles como pacientes, diante dos tribunais, diante deles como escândalos públicos, nas ruas em uma pequena mas crescente rede de encontros, tanto para mulheres quanto para homens. No final do século XIX, a imprensa e a polícia denunciavam os lugares frequentados pelos homens, e as lésbicas "passantes" tinham seus próprios pontos de encontro. As definições foram em

grande parte tentativas de explicar tais manifestações, não de criá-las. Os sexólogos estavam respondendo aos desenvolvimentos sociais que ocorriam através de uma história diferente, ainda que relacionada. As definições, é claro, tiveram efeitos poderosos. Elas levaram, como Katz sugeriu graficamente, à "colonização médica" de um povo. Elas estabelecem limites além dos quais neste século tem sido muito difícil pensar. As identidades homossexuais, gay masculino e lésbica, foram estabelecidas dentro dos parâmetros da definição sexológica. Mas elas foram estabelecidas por homens e mulheres que vivem e respiram, não por caricaturas de papel flutuando das canetas dos sexólogos.

Este é o verdadeiro ponto. A sexologia, em associação com o direito, a medicina e a psiquiatria, pode construir as definições. Mas aqueles assim definidos não os aceitaram passivamente. Pelo contrário, há evidências poderosas de que os sujeitos sexuais tomaram e usaram as definições para seus próprios propósitos. Um Ulrichs inventou o 'terceiro sexo' para libertar a homossexualidade das restrições legais. Um Edward Carpenter fez campanha pela reforma da lei porque era homossexual. Magnus Hirschfeld avançou a ciência do sexo para alcançar a justiça sexual. Mais importante, as pessoas anônimas cujos sentimentos sexuais foram negados ou eliminados da existência foram capazes de usar descrições sexuais para alcançar um senso de identidade, até mesmo de afirmação. Kinsey observou a maneira como seus entrevistados usaram suas entrevistas com eles para indagar sobre seus próprios problemas. De Krafft-Ebing em diante, essa tem sido a experiência comum. Mesmo as visões histericamente anti-mulheres de um Otto Weininger poderiam ser usadas para apoiar um senso positivo de identidade. Margaret Anderson, uma reformadora e lésbica de Chicago, perguntou à esposa de Havelock Ellis em 1915:

O que a Sra. Ellis pensa sobre a afirmação de Weininger de que as formas sexuais intermediárias são 'normais, não fenômenos patológicos,...e sua aparência não é prova de decadência física'? Ela concorda com ele... que a inversão é um caráter adquirido...?

Aparentemente, o que era censurável - a misoginia violenta - poderia ser descartada enquanto o cerne da aparente relevância era extraído, remexido e colocado em operação efetiva. Pois o que a sexologia fez foi propor definições restritivas e estar regularmente de acordo com a ambição controladora de uma variedade de práticas sociais; mas também colocou na linguagem uma série de definições e significados que poderiam ser manipulados, desafiados, negados e usados. Normalmente, contrariando suas intenções, muitas vezes contrariando suas

expectativas, a sexologia contribuiu para a autodefinição daqueles submetidos ao seu poder de definição.

Há uma lição importante nisso. Os sexólogos procuraram encontrar a verdade sobre nossa individualidade e subjetividade em nosso sexo. Ao fazê-lo, eles abriram caminho para uma sujeição potencial dos indivíduos dentro dos limites de definições estreitas. Mas essas definições podem ser contestadas e transformadas tanto quanto aceitas e absorvidas. Isso sugere que as forças de regulação e controle nunca são unificadas em suas operações, nem singulares em seu impacto. Estamos sujeitos a uma variedade de definições restritivas, mas essa mesma variedade abre a possibilidade de resistência e mudança.

A emergência do feminismo moderno e da política gay, muitas vezes no próprio terreno marcado pela sexologia, aponta para a verdade disso. A sexologia como o domínio do 'especialista' em sexo está sendo desafiada pelos próprios sujeitos sexuais cujas identidades ela ajudou a definir. Como disse Gayle Rubin, "um verdadeiro desfile de Krafft-Ebing começou a reivindicar legitimidade, direitos e reconhecimento". No mínimo, isso deu origem a uma sexologia de 'base', onde aqueles historicamente definidos e examinados se esforçam para fazê-lo por si mesmos. No máximo, há uma crítica poderosa emergindo das instituições poderosas que incorporaram as definições recebidas da verdade sexual. Os limites da sexologia parecem ter sido atingidos; sua afirmação de ser o único canal autorizado para a sabedoria de nossa natureza sexual foi contestada. Permanece o problema de transformar a crítica em teoria e prática alternativas coerentes em torno da sexualidade.